

Natália Lampert Batista
Tascieli Feltrin
Maurício Rizzatti
(Organizadores)

Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3



Natália Lampert Batista
Tascieli Feltrin
Maurício Rizzatti
(Organizadores)

Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação, prática e pesquisa em educação 3 [recurso eletrônico] / Organizadores Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Maurício Rizzatti. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Formação, Prática e Pesquisa em Educação; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-592-1 DOI 10.22533/at.ed.921190309 1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. II. Feltrin, Tascieli. III. Rizzatti, Maurício. IV. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra **Formação, Prática e Pesquisa em Educação** apresenta um apanhado da produção à nível superior da área da Educação no Brasil, contemplando as três esferas: a formativa através de relatos que percorrem os processos formativos, relacionada ao ensino e às teorias da aprendizagem; a prática com destaque para as iniciativas extensionista e de inserção escolar e por último, mas não menos importante, a da pesquisa apresentando as temáticas que têm movimentado a produção científica e intelectual do ensino superior brasileiro na área educacional. A qual apresento brevemente a seguir.

O capítulo “A Alfabetização de Crianças Autistas” de autoria de Fabiana Boff Grenzel apresenta uma reflexão acerca de crianças autistas na alfabetização, enfatizando a necessidade de se criar estratégias para facilitar a aprendizagem destes educandos. “A Construção da Escrita Pré-Silábica e suas Implicações na Perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita: Um Breve Estudo de Caso”, das autoras Telma Maria de Freitas Araújo, Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte e Maria Estela Costa Holanda Campelo apresenta, segundo as autoras, uma *Sondagem de Escritas*, através da qual é realizada uma análise da produção escrita de uma criança, a partir da teoria da psicogênese da língua escrita.

“A Evasão como Subsídio para a Avaliação Institucional: Um Estudo de Caso com Cursos de Engenharia em uma Universidade Pública”, de Joice Pereira da Silva Carvalho, Simone Portella Teixeira de Mello e Daniela Vieira Amaral concentra seu olhar na evasão escolar no ensino superior enquanto fenômeno capaz de subsidiar uma avaliação institucional. Marcos Gonzaga e Regina Magna Bonifácio de Araújo, por sua vez, apresentam uma síntese das características fundamentais da pesquisa qualitativa, com destaque para a História Oral no capítulo “A História Oral na Produção Acadêmica: Três Leituras Metodológicas”

Em “A Motivação no Processo de Ensino/Aprendizagem de Francês no Curso de Secretariado Executivo da UEM: Entendimento e Desafios”, Edson José Gomes intenciona identificar quais são os principais entraves a um desempenho satisfatório no processo de ensino/aprendizagem do francês como língua estrangeira no curso de SET. As autoras Rayuska Dayelly de Andrade e Sueldes de Araújo discutem a concepção de escola inclusiva em uma análise do município de Angicos no Rio Grande do Norte para o atendimento de uma aluna surda em “A Percepção de Professore(a)s sobre a Prática Pedagógica no Contexto Inclusivo.

Já Andressa Grazielle Brandt, **Nadja Regina Sousa Magalhães**, Aline Aparecida Cezar Costa e Luciana Gelsleuchter Lohn apresentam algumas reflexões sobre o campo da etnografia a partir de um estudo sobre a pesquisa etnográfica com crianças, em seu capítulo “Pesquisa Etnográfica com Crianças Pequenas: Aproximações Teórico-Metodológicas.

No capítulo “A Qualidade no Ensino à Distância: o Novo Aluno e o Novo Professor”

Jéssica Reis Silvano Barbosa e Gislaine Reis elaboram uma reflexão sobre a expansão do ensino à distância e analisam as mudanças advindas dessa expansão para o ramo da educação virtual. Já os autores Karla dos Santos Guterres Alves e Antônio Luiz Santana objetivam compreender a relação entre a Grounded Theory e o processo de reflexividade que envolve a pesquisa científica em seu capítulo “A Reflexividade na Grounded Theory”. Na sequência, Raimundo Ribeiro Passos, Afrânio Ferreira Neves Junior, Paulo Rogério da Costa Couceiro, Genoveva Chagas de Azevedo, Maria Marly de Oliveira Coêlho e Valdete da Luz Carneiro através de “Análise do Instrumento de Autoavaliação Institucional Utilizado na UFAM nos Anos de 2014 e 2015” realizam uma análise dos instrumentos utilizados pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Universidade Federal do Amazonas, e a verificação de sua evolução no processo avaliativo interno de 2014 e 2015.

Na perspectiva dos planejamento de sistemas universitários estaduais brasileiros, Nelson De Abreu Júnior Apresenta “Aspectos Socioeconômicos na Espacialização da Universidade Estadual de Goiás”, capítulo no qual se encontra uma pesquisa documental combinada com a análise de dados estatísticos acerca da educação superior pública estadual em Goiás. Tendo por objetivo apresentar e discutir a temática da avaliação da aprendizagem na área da Educação Física escolar, e apontar suas relações com os currículos Alessandra Andrea Monteiro e Vilma Lení Nista-Piccolo são as autoras de: “Avaliação da Aprendizagem na Educação Física Escolar na Rede Municipal de São Paulo e Paulo Freire: Aproximações e Distanciamentos”. Nesse sentido também, Andreia Gasparino Fernandes avalia através de uma revisão temática a problemática da garantia de vagas em creches públicas municipais do município de São José do Rio Preto frente à legislação educacional vigente em “Avaliação da Política de Oferta de Vagas em Creches na Rede Pública Municipal de Ensino de São José do Rio Preto”.

Sob a ótica da organização das diretrizes operacionais de ensino Alderita Almeida de Castro e Sueli Aparecida de Souza refletem sobre a implementação da avaliação das aprendizagens enquanto impulsionadora do processo do conhecimento na educação básica do Estado de Goiás, entre os anos de 2009 e 2014 no capítulo “Avaliação das Aprendizagens: a Significativa Ascensão do IDEB nas escolas do Estado de Goiás do ano de 2009 a 2014”. Tendo em vista a Avaliação Internacional de Estudantes (PISA) Glauco da Silva Aguiar e Ligia Gomes Elliot exploram o conceito de Oportunidade de Aprendizagem trazido pelo PISA 2012, analisando o desempenho do Brasil e de mais 11 países em “Avaliação em Matemática: Uso dos Resultados do Pisa 2012”.

No capítulo “Avaliação: Concepções e Implicações na Educação Infantil” Natascha Carolina de Oliveira Gervázi, Marcos Vinícius Meneguel Donati e José Roberto Boettger Giardinetto desenvolvem uma reflexão sobre a avaliação na Educação Infantil, através da análise e orientação a correta utilização da ferramenta portfólio. Ainda na perspectiva avaliativa Rosemary Farias Rufino, Santana Elvira Amaral da

Rocha e **Núbia do Socorro Pinto Breves** apresentam o capítulo “Avaliações em Larga Escala: Contribuições da ADE para Atingir a Meta da Proficiência no SAEB/INEP em Escolas Públicas Municipais de Manaus” no qual retratam a percepção dos estudantes em relação às contribuições das avaliações em larga escala no processo de ensino e aprendizagem das escolas públicas de ensino fundamental do município de Manaus.

Na sequência Andrialex William da Silva, Tarcileide Maria Costa Bezerra, Romênia Menezes Paiva Chaves Carneiro e Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro exibem “Concepções de Professores sobre a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva: uma Visão Romântica ou Direito à Educação?” No qual discutem as concepções dos profissionais do sistema educacional do município Jardim de Angicos (RN) sobre a Educação Especial em uma perspectiva inclusiva. Ainda na perspectiva inclusiva, o capítulo “Criatividade e Altas Habilidades/Superdotação” de Guacira Quirino Miranda, Arlete Aparecida Bertoldo e Priscila Miranda Chaves apresenta uma revisão bibliográfica sobre a relação da criatividade com as altas habilidades/superdotação. Em “Desenhos e Desenhos: Conselhos Municipais de Educação” Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias e Rosimar de Fátima Oliveira analisam os elementos comuns do desenho institucional dos Conselhos Municipais de Educação (CMEs) no Brasil, como um dos fatores capazes de potencializar os esperados resultados democráticos dessas instâncias colegiadas.

A seguir Gildene do Ouro Lopes Silva, Amanda Lázari e Amanda Calefi Felex embasadas pelo modelo Oakland, Glutting E Horton realizaram a identificação dos estilos de aprendizagem em escolares do quarto ano do ensino fundamental no capítulo intitulado “Estilos de Aprendizagem no Modelo de Oakland, Glutting e Horton em Escolares do Ensino Fundamental I”. Já em “Financiamento da Educação: uma Análise a partir do Gasto Aluno-Ano nos Municípios do Paraná” Jokasta Pires Vieira Ferraz, Andrea Polena e Simony Rafaeli Quirino verificam o perfil de gasto aluno-ano dos municípios do Paraná, em 2014, em relação ao porte dos municípios. Em “Ideias Higienistas na Revista Pedagogium (1922-1923)” Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes, Arthur Beserra de Melo e Marlúcia Menezes de Paiva analisam a ocorrência de ideias higienistas na revista Pedagogium, durante os anos de 1922 e 1923.

Laura Renata Dourado Pereira em “O Ensino da Arte e a Interdisciplinaridade: Novos Modos de Pensar sobre a Produção do Conhecimento” propõe uma reflexão sobre a interdisciplinaridade como um possível caminho para superar a fragmentação do conhecimento existente. Na sequência, “O Professor como Mediador nas Habilidades de Leitura” de Clarice de Matos Oliveira e Thenner Freitas da Cunha analisa como o professor de Língua Portuguesa pode ser um facilitador no desenvolvimento das habilidades de leitura aferidas nas avaliações educacionais em larga escala. Na perspectiva do Projeto de Lei 7.180/14, Ana Carolina Fleury e Ivo Monteiro de Queiroz apresentam “O Projeto Escola Sem Partido e a Construção

de uma Educação Burguesa no Século XXI” a fim de compreender os conceitos e detectar a existência de uma relação entre a proposta, os fundamentos da educação e a perspectiva marxista. Em “Observatório Eçaí: a Aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente e outros Direitos Humanos na Fronteira Brasil-Bolívia” Cláudia Araújo de Lima sistematiza uma observação das políticas públicas voltadas à infância e à adolescência bem como investiga os fenômenos de violações de direitos de crianças e adolescentes na região da fronteira.

No capítulo “Os Desafios e as Demandas Socioculturais Brasileiras Frente à Inclusão Escolar” de Evaldo Batista Mariano Júnior, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela e Valeska Guimarães Rezende da Cunha os autores retomam a temática das políticas públicas educacionais voltadas para a inclusão escolar com o intuito de fornecer subsídios a profissionais que atendam alunos portadores de necessidades especiais. Marcelo da Silva Machado em “Pacto Federativo na Educação e a Participação da União no Financiamento da Educação em Municípios da Região Metropolitana do Rio De Janeiro” realiza uma investigação sobre o pacto federativo e sua repercussão, entre os anos de 2008 e 2018, sobre o aumento das responsabilidades dos municípios na oferta de matrículas e, também de financiamento da educação na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

“Pedagogia Waldorf e Salutogênese: razões e caminhos no/do cotidiano escolar” de Elaine Marasca Garcia da Costa, Vilma Lení Nista-Piccolo reflete sobre a possibilidade de a área da Saúde ser edificada junto à Educação através da convergência de dois conceitos: a Salutogênese e o método pedagógico Waldorf. Na perspectiva de estabelecer um perfil do uso e descarte de óleo vegetal utilizado para o preparo de alimentos em Escolas da Rede Pública Estadual de Educação Básica de Tubarão Douglas Bardini Silveira, Eduardo Aquini e Isonel Maria Comelli Pave desenvolvem “Perfil de Descarte de Óleo de Cozinha em Escolas da Rede Pública Estadual de Educação Básica Situadas no Município de Tubarão, SC”. A fim de discutir a relação dos temas desenvolvidos na disciplina Filosofia das Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, e suas possíveis aproximações e com a pesquisa sobre objetos de estudo associados ao higienismo dentro do campo da História da Educação, Arthur Beserra de Melo, Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes e Marlúcia Menezes de Paiva fundamentam o capítulo “Relações entre Temas da Disciplina Filosofia das Ciências e a Pesquisa sobre Higienismo no Campo da História da Educação”.

No capítulo “Representações Sociais das Práticas dos Professores de Educação Física acerca da Educação Física Escolar”, Bruno Viviani dos Santos, Sabrina Araujo de Almeida e Pedro Humberto Faria Campos analisam a representação social da prática pedagógica de 103 professores de Educação Física do ensino fundamental. Em “Sistema de Avaliação Escolar”, Katia Verginia Pansani traz um Relato de Experiência sobre os resultados positivos do Sistema de Avaliação Escolar – SAEsc no Colégio Progresso Campineiro. Para proporcionar uma compreensão sobre as

políticas públicas de financiamento, tais como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), Jhonathan Martins da Costa, Carlos José de Farias Pontes e Maria Valdiza Ferreira Moniz Andrade publicam “Um Olhar Inicial a Respeito das Políticas Públicas de Financiamento no Brasil: Compreendendo o FUNDEB”. Laís Takaesu Ernandi, Willian Pereira da Silva, Suédina Brizola Rafael Rogato no capítulo “Uso do Medicamento na Infância: Reflexões sobre a Atuação Docente no Processo da Medicalização do Ensino” buscaram discutir o processo de medicalização na infância e a necessidade de problematização dessa questão.

Os textos, relatos de prática e conclusões de pesquisas tangentes às questões educacionais que compõem esse terceiro volume da obra Formação, Prática e Pesquisa em Educação portanto operam em favor de qualificar a produção do ensino superior brasileiro e subsidiar novas pesquisas, constituindo-se assim em importante devolutiva à sociedade dos investimentos feitos com a formação de profissionais da educação e pesquisadores.

Tascieli Feltrin

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS	
<i>Fabiana Boff Grenzel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903091	
CAPÍTULO 2	9
A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PRÉ-SILÁBICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PERSPECTIVA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: UM BREVE ESTUDO DE CASO	
<i>Telma Maria de Freitas Araújo</i>	
<i>Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte</i>	
<i>Maria Estela Costa Holanda Campelo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903092	
CAPÍTULO 3	21
A EVASÃO COMO SUBSÍDIO PARA A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: UM ESTUDO DE CASO COM CURSOS DE ENGENHARIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
<i>Joice Pereira da Silva Carvalho</i>	
<i>Simone Portella Teixeira de Mello</i>	
<i>Daniela Vieira Amaral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903093	
CAPÍTULO 4	32
A HISTÓRIA ORAL NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: TRÊS LEITURAS METODOLÓGICAS	
<i>Marcos Gonzaga</i>	
<i>Regina Magna Bonifácio de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903094	
CAPÍTULO 5	42
A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE FRANCÊS NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA UEM: ENTENDIMENTO E DESAFIOS	
<i>Edson José Gomes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903095	
CAPÍTULO 6	54
A PERCEPÇÃO DE PROFESSORE(A)S SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO INCLUSIVO	
<i>Rayuska Dayelly de Andrade</i>	
<i>Sueldes de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903096	
CAPÍTULO 7	62
A PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS PEQUENAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	
<i>Andressa Grazielle Brandt</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
<i>Aline Aparecida Cezar Costa</i>	

CAPÍTULO 8 72

A QUALIDADE NO ENSINO À DISTÂNCIA: O NOVO ALUNO E O NOVO PROFESSOR

Jéssica Reis Silvano Barbosa

Gislaine Reis

DOI 10.22533/at.ed.9211903098

CAPÍTULO 9 80

A REFLEXIVIDADE NA GROUNDED THEORY

Karla dos Santos Guterres Alves

Antônio Luiz Santana

DOI 10.22533/at.ed.9211903099

CAPÍTULO 10 88

ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL UTILIZADO NA UFAM NOS ANOS DE 2014 E 2015

Raimundo Ribeiro Passos

Afrânio Ferreira Neves Junior

Paulo Rogério da Costa Couceiro

Genoveva Chagas de Azevedo

Maria Marly de Oliveira Coêlho

Valdete da Luz Carneiro

DOI 10.22533/at.ed.92119030910

CAPÍTULO 11 100

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS NA ESPACIALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Nelson de Abreu Júnior

DOI 10.22533/at.ed.92119030911

CAPÍTULO 12 109

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO E PAULO FREIRE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Alessandra Andrea Monteiro

Vilma Lení Nista-Piccolo

DOI 10.22533/at.ed.92119030912

CAPÍTULO 13 119

AVALIAÇÃO DA POLÍTICA DE OFERTA DE VAGAS EM CRECHES NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Andreia Gasparino Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.92119030913

CAPÍTULO 14	130
AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: A SIGNIFICATIVA ASCENSÃO DO IDEB NAS ESCOLAS DO ESTADO DE GOIÁS DO ANO DE 2009 A 2014	
<i>Alderita Almeida de Castro</i>	
<i>Sueli Aparecida de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030914	
CAPÍTULO 15	141
AVALIAÇÃO EM MATEMÁTICA: USO DOS RESULTADOS DO PISA 2012	
<i>Glauco da Silva Aguiar</i>	
<i>Ligía Gomes Elliot</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030915	
CAPÍTULO 16	154
AVALIAÇÃO: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Natascha Carolina de Oliveira Gervázi</i>	
<i>Marcos Vinícius Meneguel Donati</i>	
<i>José Roberto Boettger Giardinetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030916	
CAPÍTULO 17	162
AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA: CONTRIBUIÇÕES DA ADE PARA ATINGIR A META DA PROFICIÊNCIA NO SAEB/INEP EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE MANAUS	
<i>Rosemary Farias Rufino</i>	
<i>Santana Elvira Amaral da Rocha</i>	
<i>Núbia do Socorro Pinto Breves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030917	
CAPÍTULO 18	174
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UMA VISÃO ROMÂNTICA OU DIREITO À EDUCAÇÃO?	
<i>Andrialex William da Silva</i>	
<i>Tarcileide Maria Costa Bezerra</i>	
<i>Romênia Menezes Paiva Chaves Carneiro</i>	
<i>Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030918	
CAPÍTULO 19	183
CRIATIVIDADE E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Guacira Quirino Miranda</i>	
<i>Arlete Aparecida Bertoldo</i>	
<i>Priscila Miranda Chaves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030919	
CAPÍTULO 20	191
DESENHOS E DESENHOS: CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO	
<i>Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias</i>	
<i>Rosimar de Fátima Oliveira</i>	

DOI 10.22533/at.ed.92119030920

CAPÍTULO 21 203

ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO MODELO DE OAKLAND, GLUTTING E HORTON EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Gildene do Ouro Lopes Silva

Amanda Lázari

Amanda Calefi Felex

DOI 10.22533/at.ed.92119030921

CAPÍTULO 22 211

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO GASTO ALUNO-ANO NOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Jokasta Pires Vieira Ferraz

Andrea Polena

Simony Rafaeli Quirino

DOI 10.22533/at.ed.92119030922

CAPÍTULO 23 224

IDEIAS HIGIENISTAS NA REVISTA PEDAGOGIUM (1922-1923)

Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes

Arthur Beserra de Melo

Marlúcia Menezes de Paiva

DOI 10.22533/at.ed.92119030923

CAPÍTULO 24 232

O ENSINO DA ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE: NOVOS MODOS DE PENSAR SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Laura Renata Dourado Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92119030924

CAPÍTULO 25 241

O PROFESSOR COMO MEDIADOR NAS HABILIDADES DE LEITURA

Clarice de Matos Oliveira

Thenner Freitas da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.92119030925

CAPÍTULO 26 250

O PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO E A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO BURGUESA NO SÉCULO XXI

Ana Carolina Fleury

Ivo Monteiro de Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.92119030926

CAPÍTULO 27 262

OBSERVATÓRIO EÇAÍ: A APLICAÇÃO DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE E OUTROS DIREITOS HUMANOS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Cláudia Araújo de Lima

DOI 10.22533/at.ed.92119030927

CAPÍTULO 28 271

OS DESAFIOS E AS DEMANDAS SOCIOCULTURAIS BRASILEIRAS FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.92119030928

CAPÍTULO 29 283

PACTO FEDERATIVO NA EDUCAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DA UNIÃO NO FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO EM MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Marcelo da Silva Machado

DOI 10.22533/at.ed.92119030929

CAPÍTULO 30 309

PEDAGOGIA WALDORF E SALUTOGÊNESE: RAZÕES E CAMINHOS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR

Elaine Marasca Garcia da Costa

Vilma Lení Nista-Piccolo

DOI 10.22533/at.ed.92119030930

CAPÍTULO 31 323

PERFIL DE DESCARTE DE ÓLEO DE COZINHA EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA SITUADAS NO MUNICÍPIO DE TUBARÃO, SC

Douglas Bardini Silveira

Eduardo Aquini

Isonel Maria Comelli Pavei

DOI 10.22533/at.ed.92119030931

CAPÍTULO 32 331

RELAÇÕES ENTRE TEMAS DA DISCIPLINA FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS E A PESQUISA SOBRE HIGIENISMO NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Arthur Beserra de Melo

Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes

Marlúcia Menezes de Paiva

DOI 10.22533/at.ed.92119030932

CAPÍTULO 33 342

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Bruno Viviani dos Santos

Sabrina Araujo de Almeida

Pedro Humberto Faria Campos

DOI 10.22533/at.ed.92119030933

CAPÍTULO 34	355
SISTEMA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR	
<i>Katia Verginia Pansani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030934	
CAPÍTULO 35	363
UM OLHAR INICIAL A RESPEITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FINANCIAMENTO NO BRASIL: COMPREENDENDO O FUNDEB	
<i>Jhonathan Martins da Costa</i>	
<i>Carlos José de Farias Pontes</i>	
<i>Maria Valdiza Ferreira Moniz Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030935	
CAPÍTULO 36	372
USO DO MEDICAMENTO NA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DA MEDICALIZAÇÃO DO ENSINO	
<i>Laís Takaesu Ernandi</i>	
<i>Willian Pereira da Silva</i>	
<i>Suédina Brizola Rafael Rogato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030936	
CAPÍTULO 37	383
PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA NO COTIDIANO DAS SESSÕES TÓRIAS	
<i>Débora Cabral Nunes Polaz</i>	
<i>Raquel Aparecida de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030937	
CAPÍTULO 38	390
EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MATO GROSSO DO SUL: INDICADORES DE MATRÍCULAS (2007-2016)	
<i>Wania Regina Aranda da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030938	
SOBRE OS ORGANIZADORES	416
ÍNDICE REMISSIVO	417

A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PRÉ-SILÁBICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PERSPECTIVA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: UM BREVE ESTUDO DE CASO

Telma Maria de Freitas Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
Centro de Educação CE/UFRN
Natal/RN

Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte

Rede Municipal de Educação de Natal.
Departamento Educação Infantil – DEI/SME
Natal/RN

Maria Estela Costa Holanda Campelo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
Centro de Educação CE/UFRN
Natal/RN

RESUMO: Este artigo apresenta uma Sondagem de Escritas, cujo objetivo é relatar, por meio de uma análise da produção escrita de uma criança, dados de uma sondagem diagnóstica psicogenética do nível pré-silábico, na perspectiva de Emília Ferreiro. O estudo se deu numa abordagem qualitativa, com a metodologia investigativa de um “estudo de caso” realizado em um CMEI localizado na zona Oeste de Natal/RN, à luz da psicogênese da língua escrita. Como resultados, verificou-se que no nível pré-silábico, no 2º período, dentre outras características, a criança apresenta ausência de correspondência entre as letras e os sons, considerando que escreve uma série de letras e depois passa a lê-las sem fazer nenhuma análise.

PALAVRAS-CHAVE: Sondagem Diagnóstica. Escrita Pré-silábica. Psicogênese da Língua Escrita.

THE CONSTRUCTION OF PRE-SILABIC WRITING AND ITS IMPLICATIONS IN THE PERSPECTIVE OF WRITTEN LANGUAGE PSYCHOGENESIS: A BRIEF CASE STUDY

ABSTRACT: This paper presents a Survey of Writings, whose objective is to report, through an analysis of the written production of a child, data of a psychogenetic diagnostic test of the pre-syllabic level, in the perspective of Emília Ferreiro. The study was carried out in a qualitative approach, with the investigative methodology of a "case study" carried out in a CMEI located in the western zone of Natal / RN, in light of the psychogenesis of the written language. As results, it was verified that in the pre-syllabic level, in the second period, among other characteristics, the child presents / displays absence of correspondence between the letters and the sounds, considering that it writes a series of letters and soon it begins to read them without do no analysis.

KEYWORDS: Diagnostic Probing. Pre-syllabic Writing. Psychogenesis of the Written Language

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo foi uma exigência para obtenção de nota da disciplina Seminário de Alfabetização e Letramento (Semestre 2016.1) do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN, sob a orientação da Profa Maria Estela Costa Holanda Campelo, tendo como intuito contribuir para a organização das ideias de alunos da referida disciplina, interessados em aprofundar estudos no âmbito da Psicogênese da Língua Escrita, segundo a perspectiva de Emília Ferreiro e colaboradores, cujo escopo trata da construção de um Relato de Diagnóstico Psicogenético de escritas de alfabetizandos – crianças.

Sendo assim, segundo as sugestões da Orientadora, foi definido como objetivo geral relatar, por meio de uma análise da produção escrita de uma criança, os dados de uma sondagem diagnóstica psicogenética dos níveis de conceitualização da língua escrita, na perspectiva de Emília Ferreiro. Quanto aos objetivos específicos, foram estes elencados: elaborar, testar e aplicar um instrumento de Sondagem Diagnóstica dos níveis de conceitualização da escrita de alfabetizandos, bem como analisar os resultados da produção escrita da criança (pela qual optamos), evidenciando especificidades, fundamentando as análises no referido aporte teórico-metodológico.

Para tanto, o público-alvo foi de cinco crianças da Educação Infantil de um Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI da rede pública municipal de Natal/RN.

Como proposta metodológica, realizamos uma Sondagem Diagnóstica acerca dos níveis de conceitualização da escrita em que se encontram os alfabetizandos investigados, de acordo com as hipóteses por eles construídas sobre o nosso sistema de escrita - o Sistema de Notação Alfabética. Esse tipo de Sondagem tem subjacente a ideia de que “o conhecimento do aluno é construído na sua interação com o objeto de conhecimento, num processo mediado pelo outro – o professor e os demais alunos – e pelo signo linguístico” (CAMPELO, 2016, p. 2).

Nesse sentido, o estudo teórico encontra-se amparado no paradigma psicogenético de construção do conhecimento, o qual sugere que o professor poderá planejar as suas intervenções a partir dos saberes já construídos e de como pensam suas crianças/alunos acerca da língua escrita, objeto de conhecimento do processo de alfabetização, visto que “sem um conhecimento, pelo menos básico, da Psicogênese da Língua Escrita, não é possível descobrir o que sabem e o que não sabem os alunos” (PROFA/MEC – BRASIL, 2001 *apud* CAMPELO, 2016).

Para o professor, a necessidade da elaboração e aplicação de sondagens diagnósticas da escrita dos seus alunos e/ou crianças é parte importante e fundamental na ação pedagógica, sobretudo quando se alfabetiza. Só conhecendo o desenvolvimento psicogenético de construção da escrita e tomando alguns cuidados, este poderá elaborar seus próprios instrumentos diagnósticos. Todavia, independente do instrumento por ele utilizado, o professor tem que atentar fundamentalmente para que a produção escrita do alfabetizando seja uma **produção espontânea**, ou seja,

sob pena de ser invalidado todo o seu trabalho.

2 | DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A abordagem metodológica utilizada neste estudo se constituiu de natureza qualitativa, inspirada nos princípios de Bogdan e Biklen (1994, p. 11),

Um campo que era dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, teste de hipóteses e estatística, alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por Investigação Qualitativa.

Para os autores, a pesquisa qualitativa consiste em um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados construídos são nomeados dados qualitativos, que significa dizer riqueza em descrições relativas às pessoas, locais e conversas. As questões que essa abordagem investiga são formuladas com o objetivo de apurar os fenômenos em toda sua complexidade e em contexto natural.

Nesse estudo, tivemos como direcionamento um Estudo de Caso (LUDKE; ANDRÉ, 2012), que representa uma maneira de investigar a partir de um conjunto de procedimentos pré-especificados, considerando,

É sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos [...]. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. [...]. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 17).

Ainda de acordo com Lüdke e André (2012), o estudo de caso é caracterizado por três fases: 1ª) aberta ou exploratória; 2ª) delimitação do estudo (coleta sistemática de informações); 3ª) análise sistemática. Na primeira fase do estudo, visitamos e conversamos com a Direção e Coordenação Pedagógica da instituição pesquisada.

Este estudo foi desenvolvido em um Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI, localizado na zona Oeste do município de Natal. Os dados recolhidos foram no primeiro semestre do ano de 2016.

Fizeram parte do estudo 5 crianças do Nível IV, com idades de 5 anos, sendo 4 do sexo masculino e 1 do feminino. Os critérios para a escolha do campo empírico foram: a) Ser escola pública municipal; b) Atender crianças do Nível IV e c) Aceitar participar do estudo. Quanto à escolha dos sujeitos, cinco foram as crianças da pré-escola, Nível IV, com idades de 5 anos. A escolha se deu de forma aleatória.

O Centro Municipal de Educação Infantil Profa Marilanda Bezerra fica localizado no bairro Guarapes, zona Oeste de Natal/RN. As pesquisadoras já atuaram como professoras nesta instituição, daí a facilidade de desenvolver o estudo. O CMEI atende crianças da pré-escola, com idades de 4 e 5 anos, em salas bem equipadas, iluminadas e arejadas, cuja estrutura física oferece conforto para crianças, professores e funcionários.

Para a realização da Sondagem de Escritas, Rosa Maria Antunes Barros (s.d. *apud* CAMPELO, 2016) sugere que utilizemos uma relação de palavras e uma frase. Com base nesse e n'outros estudos, reelaboramos as suas orientações e propomos o que se segue para a construção e a aplicação do Instrumento de 'Sondagem Diagnóstica':

- Organizar uma pequena LISTA de quatro palavras com as seguintes características: a 1ª palavra deve ser polissílaba; a 2ª trissílaba; a 3ª dissílaba e a 4ª monossílaba, evitando-se, logo no início da atividade, possíveis conflitos dos alfabetizandos com hipóteses anteriormente construídas e ainda vigentes.
- Evitar repetição das letras nas palavras da Lista organizada, como precaução de conflitos com a hipótese da variedade de caracteres, que se configura como decorrência típica da construção no eixo qualitativo da hipótese pré-silábica.
- Cuidar para que a frase a ser ditada contenha, pelo menos, uma das palavras da LISTA, para que se possa observar se há estabilidade na escrita da mesma palavra em diferentes contextos.
- Entregar uma folha de papel em branco a cada participante.
- Solicitar a cada um deles que escreva como sabe – Produção Espontânea –, os nomes das palavras, à medida que você dita para eles.
- Ditar as palavras sem escandi-las, ou seja, ditá-las sem marcar oralmente as sílabas das palavras, evitando-se a influência do ditado silabado na própria leitura do alfabetizando.
- Pedir que o alfabetizando (individual, separadamente e imediatamente após a sua produção) leia – apontando na escrita – letras, sílabas e/ou palavras – o que deverá ser registrado por você.
- Registrar a escrita e a leitura do alfabetizando e outras informações que considerar relevantes, numa folha de papel à parte.
- Recolher todas as escritas.
- Analisar comparativamente a produção escrita da criança e do jovem ou

adulto, fundamentando a sua análise nos estudos da Psicogênese da Língua Escrita, realizados por Emilia Ferreiro e colaboradores. (BARROS, s/d *apud* CAMPELO, 2016).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chegamos ao CMEI e logo conversamos com a professora que nos trouxe um grupo de cinco crianças. Conversamos com elas, falamos do nosso trabalho e as levamos para o pátio externo. Lá nos sentamos sob uma árvore e perguntamos se eles gostavam de história, mostrando ao grupo um livro bem ilustrado que contava a história “O patinho feio”. Duas crianças já a conheciam e disseram gostar muito, mas não lembravam exatamente como/quais os fatos ocorriam.

A escolha do livro se deu a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido na turma referida sobre a água utilizada no bairro no qual a escola encontra-se situada. Assim, procuramos uma história que envolvesse o contexto vivido pelas crianças e suas famílias, tendo como foco o meio ambiente.

Dentro de um clima bem tranquilo, apresentamos o livro, falando dos autores, das ilustrações e lendo o resumo da história antes de contá-la. Fizemos algumas perguntas sobre as expectativas das crianças depois de lido o resumo. Em seguida, iniciamos a contação nos valendo da entonação adequada aos pequenos. Enquanto contávamos, imitávamos os animais da história, ora tristes, ora alegres. Ao final do livro, conversamos sobre os personagens, o que eles faziam, seus nomes, em que lugar estavam, etc.

Para realizar a sondagem, conversamos com as crianças na intenção de fazer a escolha do campo semântico a ser trabalhado, optando por animais. Feita essa escolha, ditamos as palavras, seguindo a ordem de polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba. Após a escrita das quatro palavras, ditamos uma frase com uma dessas já ditadas.

Durante a atividade, pedimos que as crianças escrevessem as palavras da forma que entediavam a sua escrita, lendo-as em seguida. A leitura se deu com a marcação de traços. Essa técnica nos fez perceber como a criança estruturou suas hipóteses. As palavras foram: BORBOLETA; PATINHO; PEIXE; e BOI. A frase foi a seguinte: O PATINHO NADOU NA LAGOA.

Após realizarmos a sondagem, as crianças perguntaram se podiam desenhar a história do “Patinho feio”. Entregamos papel, lápis e coleção de madeira e deixamos as crianças à vontade. Ao final dessa atividade, percebemos que algumas delas haviam colocado a palavra ÁGUA nas figuras que a representavam. Intrigadas com a dificuldade que as crianças apresentaram para escrever as palavras ditadas e as que nomeavam os desenhos produzidos, pedimos que eles lessem a palavra ÁGUA fazendo as marcações. Quando perguntadas sobre como aprenderam a escrever

essa palavra, as crianças disseram que era do projeto desenvolvido em sala de aula. E mais, que estava afixada em sala de aula.

Nesse momento, compreendemos que não se tratava de produção escrita espontânea, mas resultado de cópia posterior, na qual a criança escreveu como sabia, do seu jeito, não de qualquer jeito. Elas haviam memorizado a palavra *ÁGUA*, mas constatamos que apenas uma criança ainda não identificava as letras que continham na palavra.

Sobre isso, Ferreiro (1985 *apud* CAMPELO, 2015, p. 197) afirma que “Quando uma criança escreve tal como acredita que [...] deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado”, portanto, suas produções espontâneas constituem-se em verdadeiros indicadores para compreensão da escrita.

Ao analisarmos as escritas, constatamos que duas crianças estavam no nível silábico, outras duas no silábico-alfabético e apenas uma no nível pré-silábico, foco deste estudo, conforme apresentamos nas figuras abaixo.

Luria e Vygotsky (*apud* AZENHA, 1996, p. 16) entendem a linguagem de escrita como um sistema complexo de signos e mostram que o seu domínio depende de um longo desenvolvimento. Nesse sentido, para Vygotsky (*apud* AZENHA, 1996, p. 16), esse é “um sistema particular de símbolos e signos cuja dominação prenuncia um ponto crítico em todo desenvolvimento cultural da criança”.

Para Luria (2006, p. 145), escrever implica, portanto, “na habilidade para usar alguma insinuação (por exemplo, uma linha, uma mancha, um ponto) como signo funcional auxiliar, sem qualquer sentido ou significado em si mesmo, mas apenas como uma operação auxiliar”. Para o autor, a escrita é “uma função que se realiza, culturalmente, por mediação” (LURIA, 2006, p.144).

Para Ferreiro e Teberosky (1985), a leitura e escrita são sistemas construídos gradativamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor.

Desse modo, avaliar como a criança pensa sobre a escrita, suas hipóteses, ainda que esta não escreva de forma convencional ou compreenda as regras da linguística, da ortografia, é fundamental para o processo de alfabetização. Sobre isso, as referidas autoras concluíram que a evolução da escrita passa por três níveis, denominando-os de pré-silábico, silábico e alfabético.

Segundo Campelo (2015, p. 3), o processo psicogenético de construção da língua escrita é explicitado por Emília Ferreiro como um processo sustentado por três períodos, dividido em subníveis, cujas aquisições em cada período “favorecem a construção de hipóteses cognitivas, com base nas quais o alfabetizando concebe, produz e interpreta a língua escrita.”

Para melhor compreensão desses níveis, Campelo (2015) elaborou um fluxograma apresentando cada um dos níveis de conceitualização do alfabetizando, destacando suas principais hipóteses e escritas, na figura intitulada “Evolução das

conceitualizações sobre a escrita”, sob a ótica de Ferreiro (1990), conforme podemos visualizar abaixo.

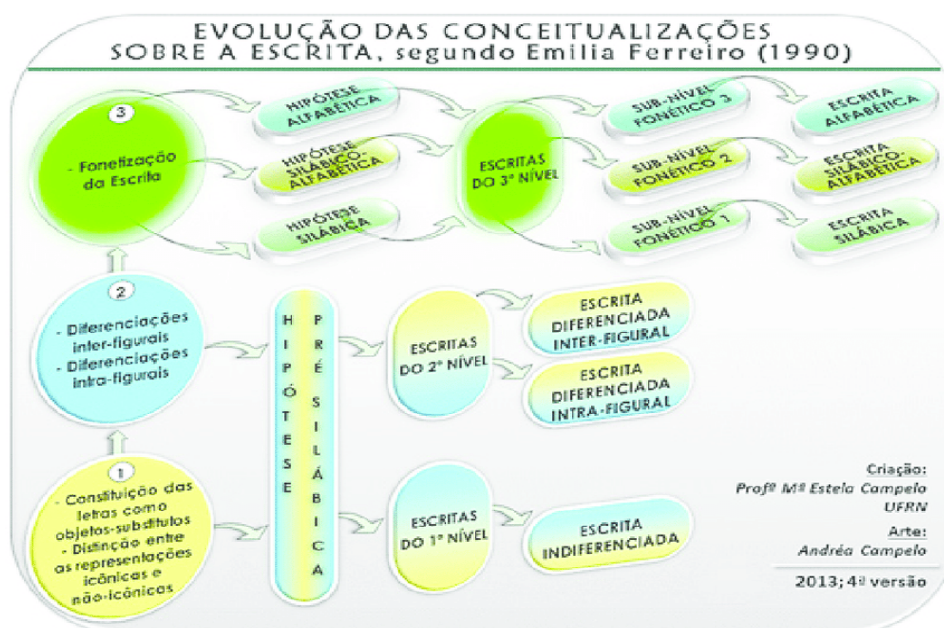


Fig. 1 – Evolução das conceitualizações sobre a escrita

Fonte: (CAMPELO, 2015, p. 196)

Percebemos na figura acima que todas as escritas que ocorrem antes da escrita convencional do sistema de notação alfabético, na perspectiva psicogenética, podem ser reconhecidas como: pré-silábicas indiferenciadas; pré-silábicas com diferenciações intra e interfigurais; escritas silábicas sem valor sonoro convencional e com valor sonoro convencional e escritas silábico-alfabéticas. Nesse contexto “as escritas não-convencionais que aparecem nos níveis de conceitualização, anteriores à escrita alfabética, não são aprendizagens prévias nem pré-requisitos, mas são partes integrantes do processo de alfabetização”. (CAMPELO, 2015, p. 189).

Nesse contexto, as escritas colhidas das crianças no CMEI Profa Marilanda Bezerra de Paiva nos mostraram em que níveis de conceitualização da escrita elas se encontravam. Para isso, faremos uma demonstração breve dos dados obtidos nas escritas silábicas e alfabéticas apenas para ilustrar os resultados, visto não se constituírem nos objetos da pesquisa.

Assim, nas escritas colhidas abaixo, podemos visualizar um grande avanço, que se traduz num dos mais importantes esquemas construídos pela criança, durante o seu desenvolvimento. Pela primeira vez, ela trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, porém, com uma particularidade: cada letra vale por uma sílaba “pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 209). Nesse nível, denominado silábico, ela utiliza tantas letras quantas forem as sílabas da palavra.

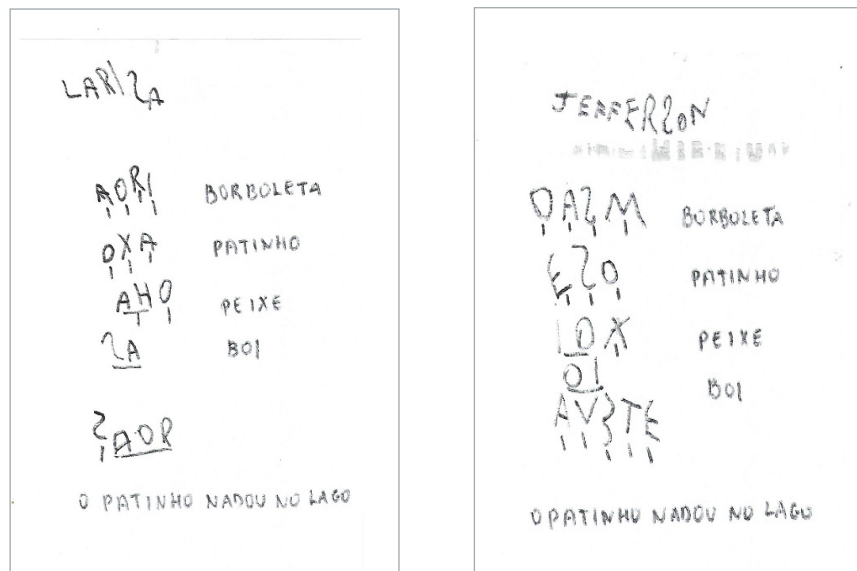


Fig. 2 e 3 – Escritas silábicas com valor sonoro

Fonte: Acervo das Autoras (2016)

Essa hipótese representa um salto de qualidade na concepção infantil da escrita, considerando que a criança já tem consciência de que os sons falados por nós podem ser representados por determinadas letras, ainda que não perceba a presença de consoantes e vogais na composição da sílaba.

Nessas escritas, percebemos que há uma superação da correspondência global da escrita para uma correspondência entre partes do texto. É nesse momento que a criança cria a hipótese silábica, atribuindo valor sonoro estável ou não. Nessa hipótese, podem aparecer duas características do nível anterior: variedade e quantidade mínima de caracteres. Para Ferreiro e Teberosky (1985, p. 211) “a hipótese silábica é uma construção original da criança que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto”.

Mais adiante, avançando em suas escritas, a criança supera a hipótese anterior e ocorre a “passagem da hipótese silábica para a silábico-alfabética” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 214), surgindo, assim, um conflito entre a hipótese silábica e a hipótese alfabética, conforme podemos visualizar nas escritas abaixo.

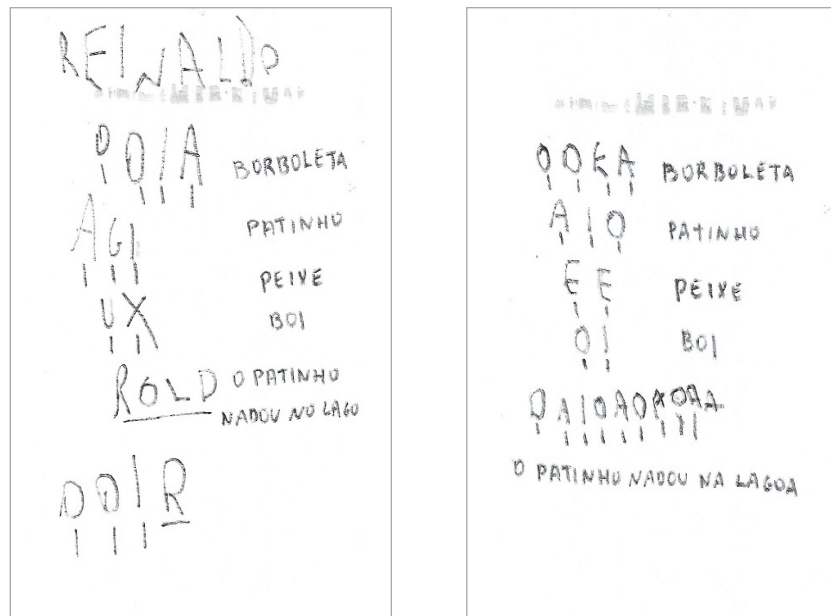


Fig. 4 e 5 – Escritas silábico-alfabéticas com valor sonoro

Fonte: Acervo das Autoras (2016)

Nesse nível, teoricamente, além de ter a capacidade de manifestar suas ideias por escrito, ainda que não seja uma escrita convencional, a criança pode sentir-se insegura na grafia ou ortografia de toda e qualquer palavra que desejar escrever.

Depois de esclarecer sobre o nível de conceitualização da língua escrita, analisando resumidamente as produções escritas acima de quatro sujeitos da pesquisa, caminhamos para apresentar e discutir a produção escrita daquele que tomamos como sujeito principal deste estudo, a criança T., que se encontrava no nível pré-silábico.

Considerando ser a escrita pré-silábica a mais complexa dos três níveis, fizemos a nossa análise sob a perspectiva psicogenética, evidenciando as seguintes características desse nível e suas implicações na construção de hipóteses.

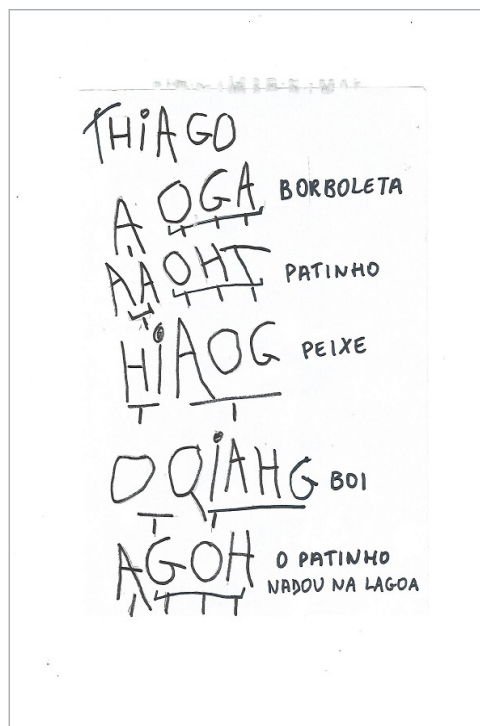


Fig. 6 – Escrita pré-silábica com diferenciação intra e interfigural

Fonte: Acervo das Autoras (2016)

Quando iniciamos a atividade T. disse de imediato que não sabia escrever, só havia aprendido o seu nome. Ficou evidente um conflito no momento de ler e escrever. Assim, utilizou letras do seu próprio nome conhecidas (**AOGA**, lido como borboleta; **AAOHT**, lido como patinho; **HIAOG**, lido como peixe; **OQIAHG**, lido como boi; **AGOH**, lido como a frase “o patinho nadou na lagoa”) como fonte principal para seu registro. Desse modo, entendemos que para ela cada letra não possui ainda valor sonoro por si só, realizando-se uma leitura global. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

Para Teberosky e Colomer (2003), esse processo de construção da leitura e da escrita mostra algumas regularidades entre crianças, como: a criança constrói hipóteses, resolve problemas e elabora conceituações sobre o escrito; essas hipóteses se desenvolvem quando a criança interage com o material escrito; constituem respostas aos problemas conceituais e o desenvolvimento de hipóteses ocorre por reconstruções de conhecimentos anteriores, possibilitando novos conhecimentos.

Na produção acima, percebemos uma escrita do 2º período pré-silábico, marcada por inúmeras características e hipóteses. Esta não é uma fase em que o alfabetizando apenas não relaciona a escrita com a oralidade, como muitos professores equivocadamente compreendem.

Nesse nível de escrita, T. entendeu que para ler coisas diferentes deve haver diferença na escrita. Assim, ele compreende que existe uma quantidade mínima de caracteres para escrever – os caracteres aparecem organizados linearmente nesse nível. Ele já escreve só letras, diferenciando-as dos números.

Essa quantidade mínima de caracteres denomina-se eixo quantitativo, no qual

o alfabetizando leva em consideração que uma escrita só pode ser legível se houver mais de três letras, no mínimo, sem que variem de uma palavra para outra. No caso de T., todas as palavras escritas apresentam quatro letras ou mais.

Outra exigência percebida na produção de T. foi sobre o eixo qualitativo, no qual os caracteres variam no interior da palavra escrita. No caso dele, percebemos que a escrita dos quatro nomes e da frase estão grafadas com uma sequência de letras variando em seu interior, mas não variando de uma palavra para outra.

Esses dois princípios básicos da organização da escrita, o princípio da quantidade mínima e o princípio de variedade interna dos caracteres, possibilitam à criança uma progressiva diferenciação de material impresso oferecido e na escrita das mais variadas palavras.

Para esse tipo de escrita, Ferreiro (1990) denominou de escrita pré-silábica com diferenciação intrafigural e interfigural, cujas construções anteriores vão se ampliando quando o alfabetizando percebe que listas de palavras diferentes sejam grafadas com sequências diferentes de letras. (CAMPELO, 2015).

Outra situação percebida no momento da escrita foi que T. não verbalizava as palavras ditadas, ia logo escrevendo. Nas palavras PATINHO e PEIXE, ele usa a estratégia de colocar duas letras por sílaba (sílabas iniciais), contudo, não parece coordenar ainda a silabação e a escrita.

Os alfabetizandos, geralmente, acham que os nomes das pessoas e das coisas têm relação com o seu tamanho ou idade: pessoas, animais ou objetos grandes devem ter nomes grandes; objetos ou pessoas pequenas, nomes pequenos. Essa fase é conhecida como realismo nominal. Na atividade, ao escrever a palavra BOI, T. grafou o maior número de letras que ele achou possível para registrá-la, um exemplo do realismo nominal.

De acordo com a análise, constatamos que T. se encontra no nível pré-silábico do 2º período, no qual apresenta ausência de correspondência entre as letras e os sons, considerando que o mesmo escreve uma série de letras e depois passa a lê-las sem fazer nenhuma análise.

4 | CONCLUSÃO

Concluimos o estudo relatando a Sondagem Diagnóstica em conformidade com os objetivos inicialmente propostos, evidenciando as características do nível pré-silábico no 2º período, suas especificidades, fundamentando as análises no aporte teórico-metodológico.

Entendemos que na Educação Infantil o ambiente precisa ser alfabetizador, fazendo da sala de aula um espaço onde ricos estímulos de aprendizagem estejam sempre presentes, cujo ambiente possa promover um conjunto de situações de uso real de leitura e de escrita, em que as crianças tenham a oportunidade de participar.

A criança, para Emília Ferreiro (2003), não espera ter seis anos, e nem ter uma educadora responsável pela sua aprendizagem, para começar a refletir sobre o que é ler e escrever. Ao ingressar na escola, ela já formulou as mais variadas hipóteses sobre este objeto de conhecimento, as quais devem ser respeitadas pelo educador.

Para o alfabetizando que se encontra no nível pré-silábico, sugerimos que este seja estimulado a perceber que escrevemos com letras e, na sequência, que seja levado a aprender com quais letras se escrevem determinadas palavras. Para escrever, ele precisará selecionar quais letras utilizará (quais grafemas representam, quais fonemas), quantas letras, qual a ordem das letras, para que estas representem palavras com significado.

REFERÊNCIAS

AZENHA, M. das G. **Imagens e letras: Ferreiro e Luria, duas teorias psicogenéticas**. São Paulo: Ática, 1996.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

CAMPELO, M. E. C. H. Psicogênese da língua escrita: referência fundamental para a compreensão do processo de alfabetização. **Revista Educação em Questão** (Online), v. 53, p. 186-217, 2015.

_____. **Diagnóstico de Escritas de Alfabetizandos: Estudos Psicogenéticos**. UFRN/Centro de Educação. Natal/RN. 2016.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo: Icone, 2006.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Natália Lampert Batista - Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Mestre e Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015 e 2019 respectivamente). Tem interesse nas áreas de pesquisa de Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Educação Ambiental; Geotecnologias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na Educação; Multiletramentos, Multimodalidade e Contemporaneidade; Formação de Professores; Educação Popular; Cartografia Geral e Temática; Geografia Urbana; Geografia Agrária; e Geografia Cultural.

Tascieli Feltrin - Doutoranda em Educação (UFSM). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão Escolar pela UFSM/ UAB (2013). Graduada em Letras licenciatura plena em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas pela Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES/2011). Tutora do Curso de Formação em Letras Português e Literatura pela UAB/UFSM. Professora de língua portuguesa, Servidora pública na rede municipal de educação de Santa Maria. Atuou como Bolsista no projeto Biblioteca Comunitária: Embarque na Onda da Leitura (FAMES 2010-2011), como educadora no projeto de Extensão Práxis Pré-Vestibular Popular da UFSM (2014) e, como Tutora do Curso de Formação de Professores para a Educação Profissional UAB/UFSM (2017-2019). Atualmente, também, desenvolve atividades de incentivo à leitura e escrita criativa através da oficina de criação literária ImaginaMundos. Possui experiência nas seguintes áreas de estudo: Educação Popular, Culturas Periféricas, Educação de Jovens e Adultos, História da Educação, Educação Libertária, Literatura Popular e Multiletramentos, experiências educacionais não-escolares e Formação de professores para atuação em contextos de Vulnerabilidade Social.

Maurício Rizzatti - Mestre e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é Doutorando em Geografia (Passagem Direta para o Doutorado) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo) da UFSM. Também é integrante do Laboratório de Cartografia e grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (UFSM). Pesquisa na área de Cartografia, Geoprocessamento, Cartografia Escolar e a Teoria das Inteligências Múltiplas, Geotecnologias, Sensoriamento Remoto na Educação Básica; Geografia Física, Geografia Urbana e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 5, 1, 10, 242, 276

Altas habilidades 190

Aprendizagem 5, 6, 7, 3, 8, 72, 117, 118, 141, 143, 144, 145, 146, 152, 162, 172, 203, 210, 330, 348, 381, 383

Autismo 1, 2, 3, 8, 278

Avaliação educacional 172

Avaliações em larga escala 162

C

Concepções 6, 7, 175

Conselhos municipais de educação 200

Criatividade 7, 183, 185, 189, 190

E

Educação 2, 5, 6, 7, 8, 9, 6, 9, 10, 11, 12, 19, 20, 22, 23, 30, 31, 37, 38, 41, 51, 61, 62, 72, 78, 80, 88, 89, 99, 102, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 232, 235, 239, 241, 242, 245, 247, 249, 250, 251, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 282, 283, 284, 288, 289, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 303, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 316, 317, 319, 320, 321, 323, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 358, 359, 363, 366, 368, 369, 370, 371, 374, 381, 383, 389, 390, 391, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415

Educação à distância 72

Educação básica 307, 349

Educação especial 176, 182, 273

Educação física 352, 353

Educação infantil 215, 413

Engenharias 21, 23, 26, 27, 28, 29

Ensino 5, 6, 7, 9, 1, 5, 23, 30, 42, 51, 62, 72, 76, 88, 89, 99, 103, 104, 105, 107, 108, 117, 118, 122, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 141, 157, 166, 193, 203, 207, 210, 212, 214, 215, 239, 243, 245, 249, 251, 284, 288, 316, 328, 344, 371, 382, 391, 395, 396, 403, 407

Escola 7, 4, 54, 109, 123, 124, 125, 134, 172, 182, 212, 213, 226, 227, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 259, 261, 282, 296, 297, 306, 307, 311, 316, 319, 321, 322, 403, 415

Escrita pré-silábica 18

Estudantes 6, 89, 111, 141, 142, 162, 245

Etnografia 62

Evasão 5, 23, 25, 26, 27, 30, 31

F

Formação de professores 62

Francês 5, 42, 43, 52

I

IDEB 6, 12, 130, 131, 132, 135, 137, 138

Inclusão 8, 31, 175, 182, 271, 272, 275, 276, 281, 282, 396, 415

O

Observação 154

Oportunidade de aprendizagem

Oralidade 32

P

Pesquisa 2, 5, 8, 9, 20, 31, 32, 41, 61, 62, 80, 87, 118, 139, 166, 168, 169, 182, 201, 210, 267, 269, 270, 283, 331, 354, 363, 376, 381, 383, 413, 414, 415

Pesquisa qualitativa 62, 413

PISA 2012 6, 12, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 153

Práticas pedagógicas 54, 117

Psicogênese da língua escrita 20, 161

R

Reflexividade 6, 80

S

SINAES 88, 89, 91, 93, 97, 99

Superdotação 7, 183, 190, 398

Surdez 54, 398

U

UFAM 6, 11, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Universidade 5, 6, 9, 30, 31, 32, 41, 42, 43, 46, 52, 54, 61, 62, 63, 71, 72, 78, 80, 88, 89, 98, 99, 100, 102, 108, 117, 118, 129, 134, 154, 161, 174, 176, 182, 183, 191, 201, 203, 210, 211, 222, 224, 225, 241, 250, 262, 263, 269, 271, 281, 282, 283, 309, 311, 321, 326, 331, 333, 342, 353, 363, 371, 372, 381, 382, 383, 384, 389, 390, 408, 414, 415

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-592-1

